

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: PIX- Prod. CulturalData: 26/04/85 Pg.: 606

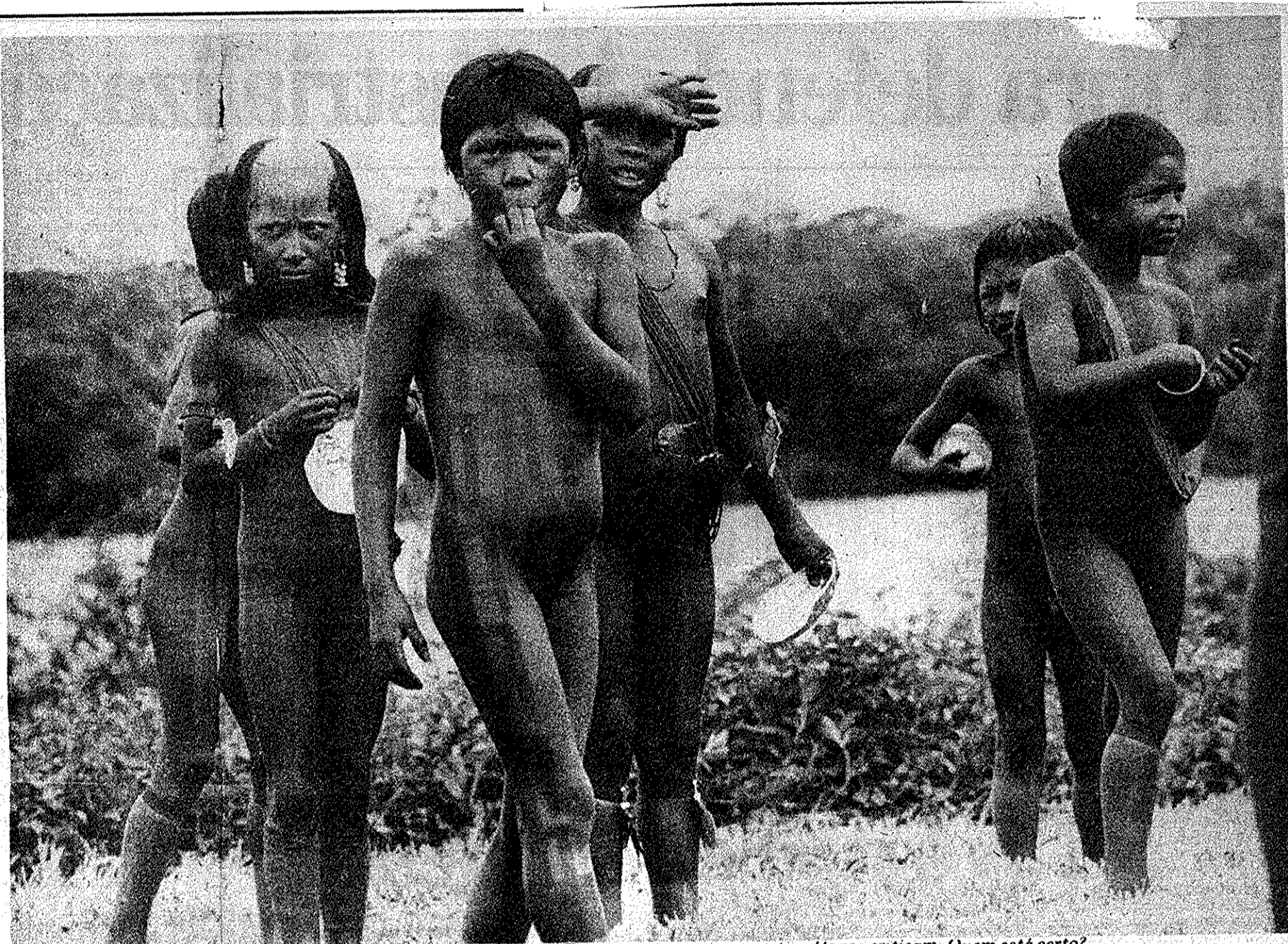
4468 XINGU

O documentário Xingu que vem sendo apresentado semanalmente pela Rede Manchete (TV Nacional de Brasília), idealizado e apresentado

pelo jornalista Washington Novaes, enfocando a cultura indígena das nações que fazem parte do Parque Xingu, em Mato Grosso, mais uma vez divide as opiniões daquelas pessoas ligadas à problemática do índio brasileiro.

Marcos Terena, assessor do Ministério da Cultura para assuntos indígenas, acha que o programa mostra a realidade do índio com "seriedade e eficácia".

Entretanto, os antropólogos da Assessoria de Estudos e Pesquisas da Funai consideram que, novamente, o Parque é apresentado como "um cartão de visita" para embaixadores estrangeiros



Os índios brasileiros chegam à televisão. Terena gosta e aprova, antropólogos criticam. Quem está certo?

Um belo documentário abre polêmica

Para as filmagens dentro do Parque Xingu, a equipe de produção do documentário conversou previamente com o então chefe de gabinete da Funai, Marcos Terena e com o diretor do parque, Cacique Megaron. Pela primeira vez uma empresa de produção estabelece um contrato para que os lucros do investimento fossem repartidos com as tribos focalizadas com o aval de seus referidos caciques.

Durante dois meses, a equipe permaneceu nas aldeias Kre-en-Akarore, Waurá, Kaiuro e Kaiapó, resultando em 50 horas de gravação. O dinheiro recebido na divisão dos lucros, foi aplicado dentro das próprias tribos na compra de material para agricultura.

"O programa assumiu a responsabilidade de levar o público a verdadeira realidade do índio, e o está fazendo com seriedade, sem ser folclórico, fantasioso." E é este o direcionamento que Terena pretende dar ao seu trabalho no Ministério da Cultura, procurando focar a vida do índio a partir da narração do

próprio índio, sem intermediários. "O que notamos é que a sociedade brasileira está com uma visão distorcida do indígena brasileiro. Em criança, o branco aprende que o índio é selvagem, antropófago, na adolescência ele é o matador de brancos, dos soldados da Pátria e quando chega à fase adulta, a tendência é ter um certo preconceito pela própria circunstância".

Para Terena, o índio é um ser humano comum, com os mesmos sentimentos daquilo que se chama "Pátria", procurando principalmente preservar as riquezas naturais e minerais. Só que, apesar dessa identificação com os brasileiros, cada tribo tem seus próprios costumes, cultura e língua e ajudaram a construir o País desde o descobrimento. Ele cita exemplos: "Os Kadiuês, os Pataxós, os Terenas, que antes se chamavam Xanés, que significa "gente", tiveram grande participações na Guerra do Paraguai. Na Revolução de 32, e na Segunda Guerra Mundial, os índios do Sul e Nordeste do Brasil, também participaram, quer como guerreiros ou como per-

seguidos, como é o caso dos Guaranis que, lutadores por natureza, foram usados como servos pelos jesuítas.

"O importante agora é a construção de uma nova sociedade com a participação do índio inclusive na administração do País. A questão da aculturação é impossível de evitar, porém o que queremos preservar são os costumes naturais das nações indígenas. Os índios, dentro da aldeia, não mentem entre si, não existe desonestidade. Os velhos, os homens e as mulheres têm participação ativa dentro de um determinado objetivo. Este espírito não existe na sociedade branca, suas crianças são colocadas em creches, os velhos em asilos. Isto dentro de uma aldeia quebraria todo o espírito fraternal, que é a essência de vida. Por isso, a vida na cidade é mais dura e o relacionamento humano mais frio. Numa visão maior, em termos de Brasil, possibilita o enfraquecimento do espírito de luta".

E o documentário, na opinião de Marcos Terena, conseguiu captar

justamente o relacionamento homem-natureza, que é o aspecto da própria existência do índio dentro de um espaço que o circunda. "Por isso que a gente luta pela preservação e segurança da terra. Porque dentro dela é que está o sentido de viver. Esses massacres fazem com que os índios se reagrupem e criem forças para defender o que é seu".

Considerando a importância do programa sobre o Xingu, duas cópias do documentário ficaram com a Funai — serão usados com fins didáticos — para que os funcionários da entidade compreendam melhor a estrutura do Parque, e mesmo para ser mostrados a índios estrangeiros que, visitando o Brasil, possam ter uma idéia ampla do que sejam as nossas aldeias indígenas. "O programa representa uma espécie de resgate cultural", afirma Terena.

Os antropólogos do AESP não pensam assim. Eles afirmam que, outra vez, a televisão brasileira contribui para manter o estereótipo

do índio como "bom selvagem", fazendo com que a sociedade continue com a visão errônea da realidade indígena brasileira. "Se percebe claramente que o programa é uma grande montagem para efeito televisivo. A realidade do Xingu é bem diferente daquela mostrada no vídeo. O Xingu é hoje uma das áreas mais endêmicas do País. Não existem aquelas plumas, coloridos e tudo mais que sempre é mostrado. Quem vê o documentário acredita que é exatamente aquilo, o elemento lúdico, jocoso, do nosso índio e não é bem isto. Nós temos conhecimento de que no Xingu existe casos de doenças terríveis, por exemplo, inclusive câncer e que ninguém ainda tentou mostrar à população".

Na opinião destes antropólogos, Xingu serve apenas para incentivar o mito do índio, deixando de mostrar o índio humano, com seus traumas, conflitos, frustrações e mesmo a sua agressividade. "É uma ilusão. A falta de alimentação é outra dificuldade seriíssima que os índios enfrentam. Porque usando os sofisticados aparelhos de mergulho

para praticarem a pesca, não foram capazes de suprir as necessidades alimentares? Para onde foram os ônus das tutelas que amparam os índios?". Os pesquisadores da AESP acham que com este tipo de programa, está se criando um "zoológico indígena para alimentar a imaginação exótica dos telespectadores" e com isto os índios permanecem em uma redoma. "O que é ruim para o próprio índio, que passa a ter uma imagem distorcida de si mesmo. Os habitantes do Xingu são exemplos fortes pois a partir das constantes procuras de equipes de filmagens, se acostumam a ser atores".

No entanto, os estudiosos da questão não desmerecem o programa, considerando que ele possa vir a ser um documento histórico de preservação de um processo ritualístico, que tende a se extinguir, de interesse de um ciclo restrito de pesquisadores e curiosos. Mas não para a causa da política indígena. "O dia em que a sociedade branca se conscientizar que a sociedade nacional é pluriétnica, talvez a questão do índio seja tratada com mais clareza".